

Tudo se passou logo nos primeiros meses de existência de Brasília, já sediando a capital da República. Uma complicação pulmonar, com infecção generalizada, levou-me ao leito, onde fiquei ardendo com uma febre altíssima durante mais de três dias. Minha família, que permanecera no Rio de Janeiro, não podia me oferecer o apoio necessário para uma recuperação. A assistência dos amigos, embora atenta, era precária. Ao fim de tormentosas 72 horas recebia a visita de um jovem médico. Sávio Pereira Lima era o seu nome. Paciente, atento e dotado de uma extraordinária dimensão humana, examinou-me cuidadosamente e concluiu sobre a urgente necessidade de internação para tratamento mais específico.

Foi assim que ingressei no então Hospital Distrital, como seu primeiro paciente. A enfermaria era uma sala improvisada, equipada com dois leitos. Tudo muito limpo, cheirando a cal virgem. A azáfama era grande. Médicos, enfermeiras, internos, em movimentação excitada de estréia, desenvolvia-se um sistema ainda inédito no Brasil, estabelecendo um processo solidário de assistência a partir do Distrital, como centro e convergência, mais bem-estruturado e aparelhado, além de dotado de excelentes profissionais.

Lembro-me claramente da postura de Ernesto Silva, incansável nas dili-

A saúde em Brasília

gências cuidadosas para dar a correta dimensão aos trabalhos médicos e a eficácia indispensável aos seus resultados. Havia um entusiasmo nas ações específicas e um desejo multiplicado de oferecer o melhor e o mais atualizado. Reuniões seguidas, muitas delas até altas horas da noite, para conferir entregas, confirmar nomes notáveis e discutir novos procedimentos para a grande aventura que Brasília estava incorporando aos hábitos de um País até então angustiado pelo tempo perdido sob os encantos e o fascínio do litoral.

Uns dez ou 12 dias de internação e me vi liberado por um alta que me mandou de volta à casa. O Hospital Distrital cresceu, ampliou suas instalações e foi galgando um a um todos os andares de seu prédio monumental, situando-se como gigantesco farol de Alexandria, abrindo os seus espaços para um País pobre, assoberbado por uma população carente que viu em suas instalações e no seu corpo médico a porta de salvação para todos os males endêmicos de que era portadora. E o compasso de atendimento foi-se abrindo, até alcançar as populações da Amazônia, de todo o Centro-Oeste e de grande parte do Nordeste.

Ao longo dos anos sobrecarregou-se a sua demanda numa procura crescente em termos exponenciais. Deteriorou-se aqui e ali, sem nunca perder a majestade de sua vocação inicial e dos objetivos originais de sua estrutu-

ração dentro do sistema de saúde em que foi inspirado, com notável participação de Ernesto Silva. Pagou um preço alto pela serventia aberta a uma clientela que jamais deixou de crescer.

Após um tormentoso período de incompreensões e de permanente agressão por parte de certa imprensa, o agora Hospital de Base retoma soberaneiro uma posição superior na hierarquia dos hospitais públicos. E na generosa correspondência que este jornal recebe como contribuição à coluna "Senhor Redator" voltam a desfilar os testemunhos de competência profissional onde o HBDF é reconhecido e proclamado como dos mais eficientes e prestantes, fruto exclusivo de uma dedicação incansável e de uma crença indomável de seu corpo clínico, todo ele voltado para um trabalho em que a vontade de servir sempre se sobrepôs aos tormentosos ventos da adversidade e de uma conspiração de fatores sociais que não admitem desídia em seus provimentos. E o conforto maior vem de um amplo resgate oferecido a Francisco Pinheiro da Rocha, Fábio Rabello, Adyr Pratos Flores, conforme o comovente depoimento de Paulo Xavier em carta divulgada na última sexta-feira. A história da Saúde em Brasília começa a ser contada pelas versões corretas que dão sentido e conteúdo aos fatos que a fazem rica e diversificada em suas grandezas sociais, políticas e culturais.